**20º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

São Maximiliano Maria Kolbe, mártir da caridade; Beato Michael McGivney, sacerdote e fundador

*Jer* 38, 4-6. 8-10; *Sal* 39; *Heb* 12, 1-4; *Lc* 12, 49-53

*Senhor, socorrei-me sem demora.*

**COMENTÁRIO**

*O fogo, o baptismo e a paz de Cristo*

As palavras do evangelho de hoje suscitam perplexidade e temos dificuldade em compreender, de modo particular, a afirmação de Jesus de que veio trazer não a paz, mas a divisão. Temos, por isso, necessidade de fazer uma devida e minuciosa meditação sob a orientação do próprio Espírito de Deus. Oremos, portanto, para sermos iluminados por esta luz divina: que o Senhor abra os nossos corações, agora como no início da evangelização, para que possamos compreender as Suas palavras proclamadas para a nossa vida (cf. *Act* 16, 14).

Há três declarações fundamentais de Jesus e todas elas têm como objectivo esclarecer a verdadeira missão que Ele realiza.

*1. «Eu vim trazer o fogo à terra»: a missão do “fogo” de Cristo*

Antes de mais, a de Jesus é uma missão do “fogo”. A expressão “Eu vim...”, usada aqui como em muitas outras ocasiões, mostra a consciência clara da Sua tarefa. Aliás, o Seu coração arde todo por isso, como Ele próprio explicita de seguida: «que quero Eu senão que ele se acenda?» Mas de que fogo se trata?

Em primeiro lugar, da declaração de Jesus percebe-se que o fogo trazido por Ele “à terra” é logicamente o fogo celeste, proveniente “do céu”. É, por isso, o fogo divino, ou seja, o fogo de Deus para o mundo. A linguagem de Jesus recalca a dos profetas de Israel, e de acordo com os seus ensinamentos, o fogo divino de que Ele fala simboliza a purificação, o julgamento e a salvação final para o mundo. Nesta perspectiva, João Baptista, o “maior dos profetas” e precursor de Cristo, adverte a todos sobre o julgamento iminente de Deus com o fogo, como o próprio São Lucas Evangelista relata: «O machado já está posto na raiz das árvores. E toda a árvore que não der bom fruto, será cortada e lançada no fogo» (*Lc* 3, 9). Além disso, será o Messias de Deus que realizará o julgamento final: «Ele tem a pá na Sua mão; e limpará a Sua eira, e ajuntará o trigo no Seu celeiro, mas queimará a palha no fogo que nunca se apaga» (*Lc* 3, 17).

Por outro lado, esta imagem do fogo remete espontaneamente para a revelação de Deus a Moisés na sarça ardente, tal como o fogo que arde no arbusto, no qual e do qual Deus declarou a Sua missão para o Povo: «Tenho visto atentamente a aflição do Meu povo, que está no Egipto, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores, porque conheci as suas dores. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel» (*Ex* 3, 7-8). É assim o fogo do amor misericordioso que Deus tem sempre por cada uma das Suas criaturas.

Por fim, o fogo aqui também poderia aludir ao Espírito Santo que descerá sobre os apóstolos como línguas de fogo (cf. *Act* 2, 1-3). Ele, o Espírito de Deus, é o dom do Cristo ressuscitado que Deus envia aos corações dos fiéis. Será como fogo que purifica o coração, ilumina a mente, e acende em todo o ser um amor ardente por Deus.

Será, portanto, em última análise, o fogo do amor a Deus que Jesus agora queria tanto que estivesse já aceso em todas as pessoas. Por isso, a missão de Cristo além de ser “do fogo”, aparece também como uma missão “de fogo”, ou seja, “ardente” (que incendeia ou que inflama). O fogo que Jesus traz à terra já arde n’Ele! Vislumbra-se aqui a mente de Jesus, toda voltada para o cumprimento da missão que Lhe foi confiada pelo Pai. Ele deseja o que o Pai deseja: cumprir o plano de salvação do mundo de acordo com a vontade de Deus. E este desejo ardente de Cristo, que se espera ser sentido também hoje pelos Seus discípulos, é explicitado ainda mais com a misteriosa declaração sobre o baptismo que Ele deverá receber depois do baptismo no rio Jordão.

*2. «Tenho de receber um baptismo»: o cumprimento da missão e o zelo de Cristo*

A que acontecimento se refere Jesus com esta frase? A este respeito, deve ser lembrado que, como explicámos anteriormente por ocasião do Baptismo do Senhor, «A palavra grega original para “baptismo” é “*baptisma/baptismos*” e vem do verbo “*bapto*” (com a forma intensiva “*baptizo*”) que significa principalmente “mergulhar” ou “submergir”. O substantivo em questão indica então principalmente um acto/banho de “imersão/submersão”. […]

Tendo em mente este sentido do termo, podemos compreender a referência no Evangelho a *outro* baptismo de Jesus depois do baptismo no Jordão». Ao declarar, «tenho um *baptismo* no qual *vou ser baptizado*» (*Lc* 12, 50a), Jesus refere-se, portanto, à Sua paixão e morte na cruz, porque Jesus falará novamente deste baptismo, ligando-o à acção de beber o cálice do Pai (cf. *Mc* 10, 50; 14, 36; *Jo* 18, 11). É uma imersão total, um baptismo, com e em “sangue e água” para tirar os pecados do mundo (cf. *Jo* 19, 34). Este será o baptismo supremo de Cristo, que engloba todos os outros baptismos, incluindo o do rio Jordão. Assim podemos também compreender a misteriosa insistência de São João numa das suas cartas aos fiéis: «Ele é aquele que veio *com água e sangue*, Jesus Cristo; *não só com a água, mas com a água e o sangue*» (*1 Jo* 5, 6a).

Nesta perspectiva, compreendemos também o anúncio do Baptista sobre o baptismo que Cristo oferecerá ao povo: «Ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo» (*Lc* 3,16). Isto alude a uma imersão muito especial: no Espírito Santo e no fogo da purificação e do juízo divino. O vínculo especial entre o “baptismo” de Cristo e o “fogo” por Ele trazido à terra torna-se então ainda mais claro. E Jesus reitera o Seu forte desejo, aliás, “angustiante” de realização de todas as coisas segundo a vontade do Pai: «estou ansioso até que ele se realize.»

*3. «Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra?»: uma declaração necessária sobre a verdadeira paz*

A terceira e última declaração de Jesus é a mais difícil de compreender, porque está em contradição com os outros ensinamentos sobre a Sua missão de paz. Já os Padres da Igreja, como São João Crisóstomo, se perguntavam a este respeito como e em que sentido Jesus tinha dito aquelas palavras, quando Ele próprio tinha recomendado aos Seus discípulos que saudassem, ao entrarem nas casas: «A paz esteja nesta casa!» (*Lc* 10, 5). Além disso, por ocasião do nascimento de Jesus, como assinala São Lucas, os anjos anunciaram alegremente «Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens por Ele amados» (*Lc* 2, 14) O próprio Jesus, na Última Ceia, disse: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou» (*Jo* 14, 27). Como é então que no evangelho de hoje Ele afirmou não trazer a paz, mas a divisão?

Precisamente à luz de todo o ensinamento de Jesus, em particular graças a esta última citação (de *Jo* 14, 27), pode-se compreender a frase sobre a Sua missão de não-paz. Aqui, Ele quer clarificar o verdadeiro carácter da Sua missão: para a verdadeira paz na vida em comunhão com Deus, não a falsa paz dos homens numa vida “tranquila” sem Deus (“Até entre os ladrões há concórdia e paz”, observou um autor antigo). Há então aqueles que acolhem com fé esta verdadeira paz, anunciada por Jesus e dada na Sua missão que culmina no Seu “baptismo” em sangue e água, e outros que a rejeitam. É assim que se cria a divisão na sociedade e nas famílias face à mensagem de salvação de Deus, devido ao encerramento do homem na sua liberdade e apesar da vontade de Deus “que todos sejam salvos” (cf. *1 Tm* 2, 4). Infelizmente, trata-se da triste situação já denunciada pelo profeta Miqueias no Antigo Testamento: «o filho insulta o próprio pai, a filha revolta-se contra a mãe, a nora contra a sogra; e os inimigos de uma pessoa são da sua própria casa» (*Mq* 7, 6).

As palavras de Jesus, por conseguinte, recalcam de novo as dos profetas de Israel, como já vimos no ditado anterior sobre o “fogo”. Soam como um forte aviso aos Seus discípulos perante a previsível situação de divisão que acontecia *de facto* (e acontece ainda) perante a figura de Jesus, sinal de contradição. Todos são então convidados, aliás, são solicitados a fazer um discernimento correcto para seguir o bem que Deus oferece em Jesus. Daí que, após o ditado sobre a divisão, Jesus denuncia a incapacidade de muitos “hipócritas” de discernir e julgar o que está certo no plano espiritual divino (cf. *Lc* 12, 54-56).

Oremos, pois, para que o Senhor nos dê, a nós, Seus discípulos missionários de hoje, o Seu santo desejo, o zelo e a angústia para o cumprimento da missão de Deus no mundo. Que tenhamos a graça do discernimento e da perseverança na adversidade, «mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé» (*Heb* 12, 2), deixando-nos ensinar e inspirar pelas Suas palavras e acções. E que possamos continuar a transmitir o fogo de Deus trazido por Jesus a todos e em todo o lado, até aos confins da terra e até ao fim do mundo.

*Citações úteis:*

**Papa Francisco**, ***Angelus,*** *Praça de São Pedro,* ***Domingo, 14 de Agosto de 2016***

O *fogo* de que Jesus fala [cf. *Lc* 12, 49-53] é a chama do Espírito Santo, presença viva e concreta em nós, a partir do dia do nosso Baptismo […] Jesus deseja que o Espírito Santo se propague como fogo no nosso coração, porque só começando a partir do coração o incêndio do amor divino poderá difundir-se e fazer progredir o Reino de Deus. […] Se nos abrirmos completamente à acção deste fogo, que é o Espírito Santo, Ele infundir-nos-á a audácia e o fervor para anunciar a todos Jesus e a Sua consoladora mensagem de misericórdia e de salvação, navegando em alto mar, sem receio. […]

Mediante este fogo do Espírito Santo somos chamados a tornar-nos cada vez mais comunidades de pessoas orientadas e transformadas, cheias de compreensão, pessoas com um coração dilatado e com um semblante jubiloso. Hoje mais do que nunca há necessidade de sacerdotes, de consagrados e de fiéis leigos com o olhar atento do apóstolo, para se comover e para se deter diante das dificuldades e das pobrezas materiais e espirituais, caracterizando assim o caminho da evangelização e da missão com o ritmo purificador da proximidade. É exactamente o fogo do Espírito Santo que nos leva a tornarmo-nos próximos dos outros: das pessoas que sofrem, dos necessitados, de tantas misérias humanas, de tantos problemas, dos refugiados, dos deserdados, daqueles que sofrem.

Neste momento, penso também com admiração sobretudo nos numerosos sacerdotes, religiosos e fiéis leigos que, no mundo inteiro, se dedicam ao anúncio do Evangelho com grande amor e fidelidade, não raro até à custa da própria vida. O seu testemunho exemplar recorda-nos que a Igreja não tem necessidade de burocratas, nem de funcionários diligentes, mas de missionários apaixonados, devorados pelo ardor de anunciar a todos a palavra consoladora de Jesus e a Sua graça. Este é o fogo do Espírito Santo.

**Papa Francisco**, ***Angelus,*** *Praça de São Pedro,* ***Domingo, 18 de Agosto de 2019***

Jesus adverte os Seus discípulos de que chegou o momento de tomar uma decisão. A Sua vinda ao mundo coincide com o tempo das escolhas decisivas: a opção pelo Evangelho não pode ser adiada. E para que esta chamada seja compreendida melhor, Ele serve-Se da imagem do fogo que Ele mesmo veio trazer à terra. Ele diz: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!» (v. 49). Estas palavras pretendem ajudar os discípulos a abandonar toda atitude de preguiça, apatia, indiferença e fechamento para acolher o fogo do amor de Deus, aquele amor que, como recorda São Paulo, «foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (*Rm* 5, 5). Porque é o Espírito Santo que nos faz amar a Deus e amar o próximo; é o Espírito Santo que todos nós temos dentro de nós. […] Por isso, com a adoração a Deus e o serviço ao próximo – juntos, adorando Deus e servindo o próximo – o Evangelho manifesta-se verdadeiramente como o fogo que salva, que transforma o mundo a partir da mudança do coração de cada um.